


DINÂMICAS LOCACIONAIS NA TERRITORIALIZAÇÃO DAS IGREJAS EVANGÉLICAS NA ZONA OESTE DE BOA VISTA-RR

Locational dynamics in the territorialization of evangelical churches in the Western Zone of Boa Vista, Roraima


Dinámicas locacionales en la territorialización de las iglesias evangélicas en la Zona Oeste de Boa Vista-RR

Caê Garcia Carvalho¹, Emily Marjory da Silva Cruz², Jefferson Batista³, Samir Valcácio⁴, Roberto Xavier da Costa⁵


¹ Professor do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, Brasil. cae_garcia@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-1112-6680>


² Graduanda em Geografia da Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, Brasil. marjoryemilly@gmail.com

 <https://orcid.org/0009-0007-7679-8708>

³ Graduando em Geografia da Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, Brasil. jefferson_guimaraes@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-9911-4064>

⁴ Professor Adjunto A no Departamento de Geologia da Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, Brasil. samir.valcacio@ufr.br

 <https://orcid.org/0000-0001-9911-4064>

⁵ Graduando em Geografia pela Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, Brasil. roberto_pqdt@hotmail.com

 <https://orcid.org/0009-0004-4236-685X>

Recebido em 07/07/2025 e aceito em 08/12/2025

RESUMO: Sob a prevalente expansão evangélica em Boa Vista-RR, escrutinamos as dinâmicas locacionais – onde, como e porquê as igrejas se especializam/territorializam na cidade – das instituições religiosas do referido segmento cristão. Espacialmente, a análise se detém na Zona Oeste, uma vez que se trata da área que mais cresce sob o intenso processo de urbanização da capital de Roraima. Mais especificamente, nosso olhar se dirige para três bairros: Caranã, União e Laura Moreira. A opção de se trabalhar com tais bairros se dá porque os dois primeiros são “antigos” (1990), enquanto o Laura Moreira se frutifica em 2005, sendo oportuno analisar a composição territorial das igrejas nesse contexto temporal dual que, de um lado, aporta a cidade em seu crescimento ao debruçarmo-nos nas franjas urbanas e, de outro, a visualiza já num contexto de consolidação urbana. Quanto à metodologia, iniciamos com uma análise da distribuição das igrejas nos bairros discriminados a partir do Censo de

2022, sendo refinados por pesquisa de campo em 2024. Com os dados colhidos – as igrejas e o ano de fundação no bairro – estabelecemos tipologias analíticas fundamentadas no perfil da igreja (pentecostal, batista etc.) e afeitas à temporalidade (surgimento, consolidação e últimos anos) dos bairros. Nossos resultados demonstram que as dinâmicas locais, respondendo a territorialidades particulares, se diversificam de acordo com as tipologias esboçadas, destacando-se a atuação das grandes denominações evangélicas nacionais que, mormente, acompanham ou antecedem a própria urbanização, enquanto as pequenas e/ou médias denominações abundam, em geral, quando o bairro está consolidado no quadro urbano.

Palavras-chave: Território; Evangélicos; Urbanização.

ABSTRACT: Amid the prevalent Evangelical expansion in Boa Vista, Roraima, we scrutinize the locational dynamics – where, how, and why churches specialize and territorialize in the city – of religious institutions belonging to this Christian segment. Spatially, the analysis focuses on the Western Zone, as it is the area experiencing the most significant growth under the intense urbanization process of Roraima’s capital. More specifically, our attention is directed toward three neighborhoods: Caranã, União, and Laura Moreira. The choice to work with these neighborhoods stems from the fact that the first two are considered “older” (dating back to the 1990s), while Laura Moreira emerged in 2005. This dual temporal context provides an opportunity to analyze the territorial composition of churches by addressing, on the one hand, the city’s growth at the urban fringes, and on the other, its consolidation within an already urbanized framework. Regarding methodology, we began with an analysis of the distribution of churches in the selected neighborhoods based on the 2022 Census, which was further refined through field research conducted in 2024. With the data collected – including the churches and their founding years in each neighborhood – we established analytical typologies based on church profiles (Pentecostal, Baptist, etc.) and related to the temporality (emergence, consolidation, and recent years) of the neighborhoods. Our findings demonstrate that locational dynamics, responding to specific territorialities, vary according to the outlined typologies. Notably, large national Evangelical denominations tend to either accompany or precede urbanization itself, while small and/or medium-sized denominations generally proliferate once the neighborhood is already consolidated within the urban landscape.

Keywords: Territory; Evangelicals; Urbanization.

Resumen: Ante la prevalente expansión evangélica en Boa Vista, Roraima, examinamos las dinámicas locacionales – es decir, dónde, cómo y por qué las iglesias se especializan y se territorializan en la ciudad – de las instituciones religiosas de dicho segmento cristiano. Espacialmente, el análisis se centra en la Zona Oeste, ya que se trata del área de mayor crecimiento bajo el intenso proceso de urbanización de la capital de Roraima. Más específicamente, dirigimos nuestra atención a tres barrios: Caranã, União y Laura Moreira. La elección de estos barrios se debe a que los dos primeros son considerados “antiguos” (de la década de 1990), mientras que Laura Moreira surge en 2005. Este contexto temporal dual permite analizar la composición territorial de las iglesias, considerando, por un lado, el crecimiento urbano en sus franjas periféricas y, por otro, su consolidación dentro de un marco urbano ya establecido. En cuanto a la metodología, comenzamos con un análisis de la distribución de las iglesias en los barrios seleccionados, a partir del Censo de 2022, siendo posteriormente refinado mediante trabajo de campo realizado en 2024. Con los datos recolectados – las iglesias y el año de fundación en cada barrio – establecimos tipologías analíticas basadas en el perfil de la iglesia (pentecostal, bautista, etc.) y en la temporalidad (emergencia, consolidación y últimos años) de los barrios. Nuestros resultados demuestran que las dinámicas locacionales, en respuesta a territorialidades específicas, se diversifican de acuerdo con las tipologías delineadas, destacándose la actuación de las grandes denominaciones evangélicas nacionales que, en muchos casos, acompañan o incluso anteceden el propio proceso de urbanización, mientras que las denominaciones pequeñas y/o medianas proliferan, en general, cuando el barrio ya está consolidado dentro del tejido urbano.

Palabras-clave: Territorio; Evangélicos; Urbanización.

INTRODUÇÃO

O Brasil viveu na segunda metade do século XX e na primeira década do século XXI uma massiva expansão evangélica, enquanto, no último Censo, seu crescimento se deu abaixo do esperado, tornando-se os evangélicos 26,9% da população – a estimativa, já não mais factível, era de que o número deste segmento ultrapassasse o de católicos já em 2032 (Alves; Cavenaghi, 2019).

Em que pese o arrefecimento do crescimento evangélico, a expansão territorial de seus templos é ainda premente, sobretudo na região Norte, região na qual se encontra, proporcionalmente, o maior número de evangélicos no Brasil.

O presente artigo busca problematizar, face à imperiosa expansão urbana de Boa Vista (RR) nos séculos XX e XXI, as dinâmicas locais da territorialização das igrejas evangélicas. Espacialmente, nossa análise se restringe à Zona Oeste de Boa Vista (Figura 1), área periférica da cidade. Repousamos o olhar sobre tal zona por que ela é, desde os anos 70, o principal vetor de crescimento urbano da capital roraimense.

Macrozoneamento urbano da cidade de Boa Vista (Modificado de Veras, 2009)

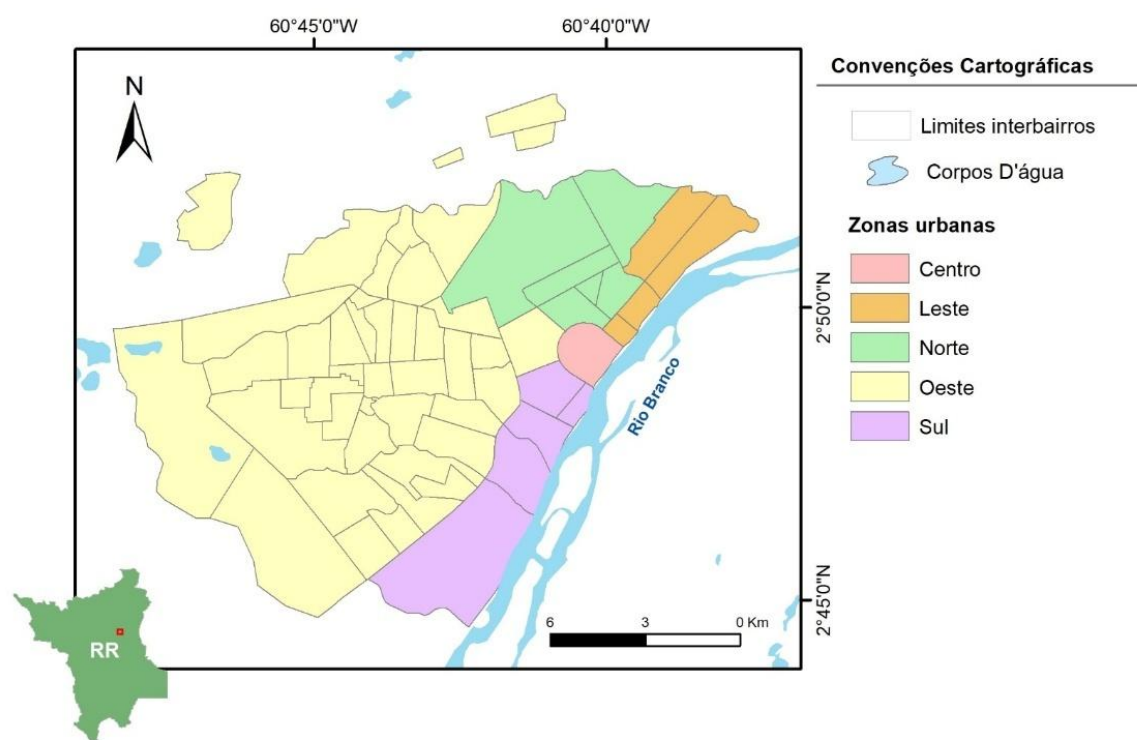


Figura 1: Macrozoneamento urbano de Boa Vista. **Fonte:** Elaboração dos autores, 2025.

Apresentando a estrutura deste artigo, além da introdução e conclusão, nosso texto se divide em quatro seções. A primeira é reservada à metodologia; a segunda define o escopo teórico acerca das questões relativas ao território; a terceira seção delineia o crescimento evangélico na Amazônia brasileira; a quarta apresenta o quadro da

evolução urbana de Boa Vista; a quinta, enfim, apresenta as dinâmicas locais estruturantes da territorialidade/territorialização das igrejas evangélicas na Zona Oeste de Boa Vista a partir de um olhar para três bairros, a saber, Caranã, União e Laura Moreira. A escolha de tais bairros responde a um crivo teórico-metodológico, como será exposto na seção a seguir.

MATERIAIS E MÉTODOS

O arcabouço metodológico remonta à dialética (LEFEBVRE, 1995), sob o intuito de não pensar a religião de maneira isolada, tratando-a pelo crivo da totalidade social – e das singularidades locais – que lhes amálgama. Nesse sentido, a religião se articula às dimensões políticas, sociais, econômicas, culturais e espaciais. Estes enlaces serão, doravante, explicitados.

Deste modo, o estudo escapa da simples descrição, pautando o real – a expansão urbana e as dinâmicas locais na territorialização evangélica em Boa Vista – a partir de um quadro teórico-explicativo (CARVALHO; CRUZ, 2024).

Quanto ao procedural esboçado com a metodologia, a primeira etapa da pesquisa se iniciou com o mapeamento dos templos evangélicos a partir do Censo (IBGE, 2022). No ponto de partida, fizemos o levantamento de todas as igrejas da Zona Oeste de Boa Vista, apresentando mais de 500 templos religiosos (sua absoluta maioria conformada por igrejas evangélicas).

Da Zona Oeste, destacamos três bairros para realização do estudo: Caranã, União e Laura Moreira. As razões desta escolha serão problematizadas adiante.

Na segunda etapa de nossa metodologia, verificamos em campo o mapeamento das igrejas evangélicas dispostas pelo IBGE, ocorrendo algumas retificações (igrejas ausentes ou que não mais existiam) derivadas da diferenciação temporal entre o censo (2022) e nossa pesquisa (2024).

Era também crucial para os nossos propósitos fazer o levantamento de dois pontos: o ano de fundação da igreja no bairro e sua filiação institucional-teológica (pentecostal, protestante histórica etc.). Essas informações foram obtidas junto aos adeptos e/ou lideranças religiosas numa visita aos templos ou através de informações on-line nos sítios das instituições religiosas.

Com esses dados pudemos estabelecer o paralelo entre a expansão urbana de Boa Vista e territorialização das igrejas, realçando as dinâmicas locais e a territorialidade das denominações evangélicas.

Quanto à escolha dos bairros, a opção por trabalhar com o Caranã e o União, de um lado, e o Laura Moreira de outro, se cumpre porque os dois primeiros são bairros “antigos”, adensados, criados na década de 90, enquanto o Laura Moreira é bastante recente no quadro urbano local, germinado a partir de 2005 e pouco povoado.

Ainda quanto à contraposição temporal entre os bairros, é oportuno analisar a composição territorial das igrejas nesse contexto temporal que, de um lado, aporta a cidade em seu crescimento ao debruçarmo-nos nas franjas urbanas e, de outro, a visualiza já num contexto de consolidação urbana.

Na operacionalização dos dados, buscamos correlacionar o ano de fundação das igrejas às temporalidades dos bairros, quer-se dizer, ao I) *Surgimento*, II) *Consolidação* e III) *Últimos cinco anos* dos recortes trabalhados. Tais categorias se mostram necessárias porque as estratégias e a própria territorialização das igrejas variam segundo tais temporalidades. O *Surgimento* engloba o período datado entre a ocupação inicial (já) adensada do bairro e os cinco anos a partir daí decorrentes; a *Consolidação* do bairro envolve o período sucessor ao *Surgimento* até os *Últimos cinco anos*, esta tornando-se nossa última categoria, envolvendo o período entre 2020-2024. A pesquisa, destaca-se, fora encerrada no final de 2024.

Pautamos também uma tipologia eclesial, uma vez que há variância no processo de territorialização segundo as denominações religiosas. Criamos, assim, a seguinte categorização: *Grandes Denominações Pentecostais Nacionais* (GDPN), *Denominações Pentecostais Regionais* (DPR), *Denominações Pentecostais Regionais Internacionais* (DPRI), *Denominações Pentecostais Locais* (DPL), *Batista*¹, *Protestantes Históricos* (PH) e *Igreja Adventista do Sétimo Dia*, doravante, Igreja Adventista (IA).

Tal tipologia temporal e eclesial enquanto crivo metodológico foi originalmente apresentada em Carvalho et. al (2025).

Consideramos como GDPN as instituições que se fazem presentes em todas as regiões do Brasil e em mais de 80% de todas as capitais estaduais, entendendo que o peso destes números confere às igrejas, de fato, um caráter e abrangência nacional.

Consideramos como DPR as instituições que se fazem presentes em mais de um estado de cada região, enquanto as DPRI se ramificam aos países próximos e não necessitam estar em mais de uma unidade da federação. Nessa categoria há apenas uma instituição, a Assembleia de Deus Brasil (ADB), uma igreja profundamente enraizada em Boa Vista e com incidência internacional, com destacada e longa atuação, presente há 31 anos na Venezuela e há 15 anos na Guiana Inglesa e Panamá, bem como em outros países da América do Sul.

As DPL são aquelas igrejas que se radicam apenas em Roraima.

Quanto à Igreja Adventista (IA), sua dinâmica locacional é idêntica à das GDPN, afinal também se trata de uma denominação de escala nacional. No Censo de 2010², de maneira inédita, os adventistas foram enquadrados no segmento

¹ Dentre os batistas, discriminamos as igrejas que se aproximam do movimento de renovação, compondo a subcategoria *Batistas Pentecostalizados* (BP).

² Quanto ao Censo de 2022, ainda não há a discriminação dos grupos religiosos e, consequentemente, das “filiações” lastreadas pela perspectiva do IBGE.

religioso “evangélicos de missão”, o qual coadunava os protestantes históricos – anglicanos, presbiterianos, batistas, dentre outros.

Situar tal ramo como correlato do protestantismo evangélico é visto de maneira problemática, tanto pelos próprios adventistas, como pelos evangélicos em geral, o que nos enseja, neste estudo, a pautar Igreja Adventista como uma categoria particular.

De maneira genérica, ao falarmos nas “grandes denominações nacionais”³, estamos levando em conta, pois, tanto as GDPN como a IA.

Embora não se constitua como uma grande denominação nacional, em âmbito local, a ADB é a maior igreja de Roraima, contando, hoje, com 489 tempos padronizados no estado (eram apenas 81 na década de 1980). O seu profundo enraizamento tem base histórica: foi a primeira instituição pentecostal local, fundada ainda em 1915, sob influência direta dos missionários suecos que trouxeram o pentecostalismo norte-americano ao Brasil a partir da Assembleia de Deus do Pará (1911). Por sua prevalência no quadro local, suas dinâmicas locais – enquanto estratégias territoriais – em muito se aproximam às lógicas das grandes denominações nacionais.

Com relação aos *Protestantes Históricos* (PH), excluimos dessa categoria os batistas, uma vez que estes não apresentam uma estrutura centralizada (como ocorrem com os presbiterianos e anglicanos, por exemplo), tendo suas múltiplas instituições (igrejas) notória autonomia. De certa forma, e nesse sentido aproximando-se da GDPN, também os PH são instituições de abrangência nacional. Suas dinâmicas locais, entretanto, são absolutamente distintas: os PH não vislumbram sua territorialização/difusão como uma estratégia e mote elementar de sua instituição salvífica, como ocorrem com os pentecostais.

É oportuno ainda separar os Batistas dos PH porque ambos apresentam dinâmicas absolutamente contrastantes no cenário religioso brasileiro. Diferentemente de anglicanos, presbiterianos, metodistas, os batistas também apresentaram, como os segmentos pentecostais (embora em menor volume do que estes), importante crescimento nas últimas décadas. Destaca-se ainda que, diferentemente dos PH, frequentemente se verifica uma pentecostalização da vertente batista, um movimento de renovação que denomina este específico segmento como “batistas renovados”, aproximando-se, pois, do universo litúrgico pentecostal – questão encontrada, inclusive, nesta pesquisa (ver nota 1).

Embora as diferenciações ora anunciadas pudessem ser pautadas aprioristicamente, deve-se dizer que elas foram matizadas *após* o trabalho de campo. E mais do que o crivo sociológico que escrutina o amplo e multifacetado universo evangélico, as dinâmicas locais foram o alicerce primal de nossa tipologia esboçada. No geral, tais dinâmicas – enquanto estratégias de

³ É um termo genérico e que quer dizer apenas que são igrejas que atuam em todo o Brasil. No rigor, a Igreja Adventista é uma denominação internacional, estrangeira. Por sua vez, todas as grandes instituições pentecostais brasileiras já passaram por um processo de internacionalização, tornando-se, mormente, instituições globais.

territorialização – espelham as dimensões sociológicas particulares de cada grupo religioso; pensá-las pelo crivo espacial, entretanto, revelou dimensões nem sempre verificáveis nos estudos da religião, nem pela Sociologia e nem, muitas vezes, pela Geografia – nesse sentido se aproximam as GDPN, a IA e a (localmente) portentosa ADB, e oportunamente se verificará como um mesmo grupo religioso, o pentecostal, apresenta dinâmicas locais particulares segundo o porte da denominação.

TERRITÓRIO, TERRITORIALIDADE E TERRITORIALIZAÇÃO: NOTAS CONCEITUAIS

Começemos com o termo presente no título do trabalho: *territorialização*.

Entendemos a territorialização como os processos pelos quais determinados agentes e/ou grupos, via estratégias políticas, sociais, organizacionais e também territoriais, se espacializam, criando, portanto, seus territórios. As estratégias aludidas se afiguram como componentes da territorialidade, ou seja, como os mecanismos/ações que garantem ao grupo social o *poder* sobre seu território (SOUZA, 1995).

Em síntese, tratar da territorialização é, mais do que a efetividade material do território, evocar a constituição da espacialização dos territórios engendrados por determinadas territorialidades, o mecanismo pelo qual o território se gesta e se pereniza (ROSENDAHL, 2005).

Quanto ao território, o pautamos a partir das perspectivas de Souza (1995) e Haesbaert (2012). Pensamos o território, pois, como o espaço apropriado (num cariz existencial) e/ou dominado (em cariz funcional) por determinado agente/grupo.

Elementar à conformação do território, como destacamos com o auxílio do grifo, estão as relações de poder. Sob inspiração foucaultiana (embora M. L. de Souza o problematize o poder a partir de Hanna Arendt [1985]), o perspectivamos no campo das ações e de seus efeitos (FOUCAULT, 1995), daí a articulação empreendida no início desta seção entre poder e territorialidade.

Aprofundando a concepção, queremos anunciar que as estratégias/ações (territorialidades) são empreendidas a partir de relações eivadas pelo poder, a capacidade de agir enquanto tal, seja pelo consenso ou persuasão, quicá pela força (econômica, política, física, moral etc.), deliberando determinadas perspectivas e ações estabelecidas pelo agente/grupo junto ao seu território⁴, perspectivas e ações estas que sustentam o próprio território enquanto espaço apropriado/dominado. Em relação dialética, o poder é crucial à estruturação do território (é o que lhe garante a perenidade) e, além, o território é elemento catapultador do próprio poder. Ao expandir seus territórios, as denominações evangélicas não aumentam seu poder político, econômico, social?

⁴ Ao leitor familiarizado com o referencial arendtiano, posto está o contraste frente a sua abordagem do poder essencialmente enquanto asseverador da vontade coletiva, de sua resoluta oposição à violência.

Acerca das dinâmicas locais, compreendêmo-la enquanto um conjunto pelo qual o onde, o porquê e o como da espacialização/territorialização das instituições religiosas se efetivam, como será exposto adiante. Neste processo se evidencia o que nossa metodologia baliza: 1) a tipologia eclesial, sob as formas e (im)possibilidades de atuação das igrejas; 2) a temporalidade, o momento no qual as ações/estratégias eclesiais podem ou não se cumprir; 3) as dinâmicas urbanas da cidade e as particulares de cada bairro que, similarmente à temporalidade (em verdade, em conjugação com esta), também asseveram as (im)possibilidades de atuação territorial das instituições religiosas.

A EXPANSÃO EVANGÉLICA NA AMAZÔNIA BRASILEIRA

Se as primeiras igrejas evangélicas em terras brasileiras dataram do início do século XX, é apenas a partir dos anos de 1960/70 que este grupo cristão se consolidou em nosso cenário religioso. E seu agudo propalar não se cumpriu, inicialmente, na região Norte, como poder-se-ia supor ao se verificar que o estado do Pará foi um dos nascedouros do pentecostalismo no Brasil (SILVA, 2018).

Para Mariano (2004), tem-se como elementos centrais ao crescimento evangélico, tanto o processo de urbanização nos anos 1960, bem como, de maneira correlata, as desigualdades sociais dos grandes centros urbanos.

Sob a profunda transformação social e a marginalização socioeconômica, a religião se coadunou como suporte à manutenção de regras rígidas (face às mudanças de valores de uma sociedade industrial), fundamentação dos laços interpessoais, lastreando a ajuda mútua perante todo tipo de carência, e fomentando, ademais, um senso de comunidade (MARIANO, 1999); daqui se desnudam os contextos/elementos sociais e econômicos com os quais a religião se articulava.

De caráter místico, o apelo aos milagres e a promessa de uma vida de plenitude no discurso religioso pentecostal também se constituiu como mote do crescimento de tal segmento (CARVALHO, 2024).

Diante deste cenário, novamente segundo Mariano (2004), a agudização da crise econômico-social dos anos 80 na América Latina corroborou ao crescimento evangélico, sobretudo nas periferias urbanas do Sudeste (FARJADO, 2011).

É também a partir da segunda metade do século XX que se deflagra, ainda que de maneira embrionária, a interiorização do supracitado movimento religioso em direção ao Centro-Oeste e ao Norte. Este fenômeno se explica com a expansão da fronteira agrícola e mineral em cidades nascentes e nas capitais estaduais construídas sob intensa migração das populações da região Sul e Nordeste (SENHORAS; SANTOS; CRUZ, 2016); e aqui se evidencia o liame político – tais fenômenos se deram, justamente, pelo direcionamento político-estatal – sob o qual a religião tivera as condições de se erigir na Amazônia brasileira.

Assim, no Centro-Oeste e no Norte, o crescimento das cidades médias está articulado, pois, à presença evangélico-pentecostal. Ainda sopesou, às referidas

regiões, o baixo adensamento populacional e não prevalência da Igreja Católica. Esses fatores tornaram ambas as regiões um locus ao crescimento evangélico à luz das missões⁵ impulsionadas por tais denominações cristãs, sendo, atualmente, as duas regiões brasileiras com maior percentual de evangélicos (respectivamente, 36,8% e 31,4% à região Norte e Centro-Oeste, enquanto, nacionalmente, o número de evangélicos é de 26,9% [IBGE, 2022]).

As contextualizações sociais, políticas e econômicas ora empreendidas, contudo, não têm poder casuístico, afinal, tratam-se de contextos e não de agentes. À compreensão da expansão evangélica é preciso, portanto, analisar os modos de atuação destas igrejas (como as missões, por exemplo).

Os sociólogos em muito ressaltaram a resoluta centralização da cadeia de comando das grandes igrejas que podem, com a captação e centralização de seus recursos, encetar a expansão territorial em novas áreas. Outro elemento fundamental foram os investimentos massivos em telecomunicações, inicialmente via rádio, e, posteriormente, com a televisão (MARIANO, 2004); hoje, também a internet se constitui como um vetor comunicacional às instituições cristãs e mesmo as pequenas igrejas em nossa pesquisa, ao menos parte delas, dispõem de páginas e/ou canais on-line.

Deve-se destacar também a ação dos fiéis como catalizadores do movimento evangélico, diminuindo a importância das lideranças institucionais, impulsionando sua expansão num um sistema de contato direto, como as missões. De acordo com Xavier (2008, apud Senhoras; Santos; Cruz, 2016), tal modelo eclesialístico foi um dos maiores marcos do movimento evangélico na Amazônia Legal.

Cumprida a análise acerca do crescimento evangélico na Amazônia brasileira, pautamos, na próxima seção, o quadro urbano de Boa Vista.

A EXPANSÃO URBANA DE BOA VISTA

Para compreender a dinâmica locacional da territorização evangélica, se faz necessário balizarmos a evolução do quadro urbano de Boa Vista, uma vez que as estratégias territoriais são vicejadas em tal contexto urbano marcado por um intenso processo de urbanização a partir de 1970, época à qual Roraima ainda se constituía como Território Federal (a data de criação do referido Território é de 1942, ainda circunstanciado ao estado do Amazonas).

Nos anos 70, um aspecto fundamental ao crescimento populacional foi a migração impulsionada pelo garimpo – a taxa de crescimento populacional na cidade foi de 84% entre 1970-1980. Com isso, a população passou a ser de 67.047 habitantes (OLIVEIRA; COSTA, 2018); a título de comparação, em 1980, a população de Manaus

⁵ Trata-se do deslocamento de pastores ou mesmo de adeptos para atuar em áreas onde esta ou aquela instituição não possui bases estabelecidas, ou ainda a ação celular a partir de pequenos grupos de fiéis que atuam nas cidades, levando a palavra de Cristo aos não praticantes (CARVALHO; CRUZ, 2024).

era superior a 600 mil habitantes (ALVES; FREITAS; SANTOS, 2020), número quase dez vezes mais elevado que o da capital roraimense.

De todo modo, Boa Vista crescia sob taxas impressionantes que mantiveram o vigor nas décadas seguintes. Entre 1980 e 1990, a população mais que dobra, sendo 144.249 habitantes nos anos 90, crescimento de 115,14%. Entre 1990 e 2010, a população quase dobra, totalizando 284.313 habitantes (OLIVEIRA; COSTA, 2018). Em 2022, eram 413.486 habitantes (IBGE, 2022), revelando que o crescimento populacional ainda é agudo, tratando-se da unidade da federação com a maior taxa de natalidade no Brasil (CARVALHO; IBIPIANA; DEMÉTRIO, 2025) e que, além do alto crescimento vegetativo, apresenta ainda saldo migratório extremamente positivo decorrente da diáspora venezuelana, sobretudo a partir de 2016 – segundo a UNICEF, residiam, em 2019, na capital, 32 mil venezuelanos (BRANDÃO, 2019); em 2022 o percentual de habitantes imigrantes de Boa Vista alcançava 14,46% de sua população total (IBGE, 2022), a maioria esmagadora conformada por venezuelanos.

Na década de 90 se destaca como elemento impulsionador do crescimento urbano e populacional a transformação do Território numa Unidade da Federação, o atual estado de Roraima, em 1991. Isso contribuiu, sobremaneira, para o crescimento populacional face à necessidade de formação de instituições públicas no novo estado recém-criado, também atraindo importante demanda de mão de obra, qualificada ou não (VERAS, 2009).

Esse crescimento se concentrou na Zona Oeste de Boa Vista, área de nosso estudo. Compõe, hoje, sobretudo suas franjas urbanas, a periferia da cidade.

A figura a seguir, além de situar os bairros em questão, traz a evolução urbana de Boa Vista sob o prisma temporal.

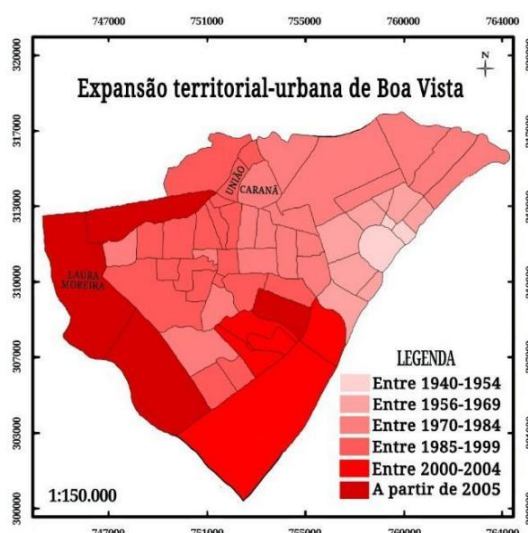


Figura 2: Expansão urbana de Boa Vista. **Fonte:** CARVALHO; CRUZ, 2024.

Encerramos esta seção ao desnudarmos o contexto geral da evolução da ocupação urbana de Boa Vista. Nos concentramos agora em nossa questão fulcral: as dinâmicas locais – na esteira das territorialidades – das igrejas evangélicas na Zona Oeste de Boa Vista.

A TERRITORIALIDADE E AS DINÂMICAS LOCAIS DAS IGREJAS EVANGÉLICAS NOS BAIRROS CARANÃ, UNIÃO E LAURA MOREIRA

Em estudo anterior (CARVALHO; CRUZ, 2024) já assinalamos como as áreas em análise revelam a agudez da presença evangélico-pentecostal: são 21 templos no Caranã, 19 no Laura Moreira e 8 no União. Para referendar o que ora anunciamos, a saber, a aguda profusão de igrejas evangélicas, estabelecemos uma comparação com o Perus, bairro periférico e uma das áreas de maior concentração evangélica da capital do estado de São Paulo, com o total de 176 igrejas evangélicas (RIVERA; FARJADO, 2022).

Comparamos nosso recorte, portanto, com uma área de elevada incidência evangélica. Enquanto no Perus são necessários 397,7 habitantes por igreja, na área em estudo (média simples dos três recortes) são necessários 404 habitantes por igreja (resultados obtidos dividindo a população total pelo número de igrejas). Números, portanto, muito similares.

O Laura Moreira, com apenas 1.975 habitantes totais, “necessita” de apenas 103,94 moradores por igreja; e se a relação habitantes/igreja é mais destacada no Perus do que nos demais bairros em estudo, isso se deve às próprias estratégias territoriais – frente às possibilidades de sua consecução – das denominações evangélicas, como veremos adiante.

A tabela⁶ a seguir esmiuça os dados ora problematizados:

Tabela 1: Número de Igrejas, área e população: comparando bairros.

Bairro	Igrejas	População	Extensão territorial	Nº de Igr. por habitante	Densidade Eclesial	Densidade Demográfica
Perus	176	70.000	20,9 km ²	397,7	7,4 Igrejas / km ²	3.349,28
Caranã	21	12.448	2,65 km ²	592,7	7,9 Igrejas / Km ²	4.697,35

⁶ Em nosso estudo citado apresentamos a mesma tabela (CARVALHO; CRUZ, 2024); a atual, porém, apresenta alguns refinamentos: os dados populacionais estão atualizados segundo o Censo de 2022 (até então, na publicação anterior, só havia disponível a distribuição populacional por bairro, pelo IBGE, para o ano de 2010); também empreendemos retificações no quantitativo das igrejas.

Laura M.	19	1.975	14,3 km ²	103,94	1,32 Igrejas / Km ²	138,11
União	8	4.976	1,12 km ²	622	7,14 Igrejas / Km ²	4.442,85

Fonte: Elaboração autoral. Dados de Campo, Rivera e Farjado (2022) e IBGE (2022).

Destaca-se, por fim, que, se União e o Caranã “perdem por muito” na relação habitante/igreja (sendo necessário, aos nossos bairros, destacadamente um maior número de habitantes por igreja), nota-se como a densidade eclesial – em alusão à densidade demográfica, tomada como o quantitativo de igrejas segundo a extensão territorial – é próxima (União) ou maior (Caranã) do que no Perus; Laura Moreira apresenta uma baixa densidade eclesial por ser um bairro de elevada extensão territorial e pouco habitado e que, aliás, perdera população entre 2010 e 2022, saindo de 4.983 para 1.975 habitantes.

E, em verdade, há distorção na comparação estabelecida entre o par Caranã/União perante o Perus quanto à relação habitante/igreja. O número é superior nos bairros em estudo sob a influência de sua maior densidade demográfica, ou seja, “avoluma-se” um maior contingente populacional em determinada área, sopesando, em consequência, na relação habitante/igreja.

Empreendidas essas considerações mais gerais acerca da espacialização das igrejas, passamos a discutir sua territorialização face às suas dinâmicas locais. As dinâmicas locais – reiteramos: onde, porquê e como se alocar/territorializar espacialmente – balizam territorialidades distintas de acordo com (I) a tipologia da igreja (destacando-se, sobretudo, contraposições entre as grandes denominações e as denominações de caráter local ou regional), (II) o período temporal referente às especificidades de cada bairro (Surgimento, Consolidação e Últimos cinco anos), e (III) os próprios bairros enquanto tais em consonância às suas particulares dinâmicas na estrutura urbana da cidade.

É nesta seara que agora adentramos.

Antes de pautarmos a espacialização (a disposição espacial) das igrejas nos bairros trabalhados, devemos discriminar, grosso modo, o ano no qual cada bairro se constituiu enquanto tal. “Se constituir enquanto tal” não quer dizer, necessariamente, reconhecido formalmente como bairro pela municipalidade; de todo modo, referendamos a temporalidade do bairro não a partir de ocupações dispersas, mas no momento no qual uma aglomeração urbana se fez com alguma robustez. Nos serviram de base de estimativa os trabalhos de Veras (2009) e Staevie (2011), cruzando com informações oriundas da população local moradora dos bairros; a maioria dos bairros da cidade são mais novos do que boa parte da população da cidade (ARAÚJO, 2025) e, assim, ainda se retém na memória dos habitantes mais antigos o processo inicial de ocupação e adensamento dos bairros.

Nesse sentido, discriminamos:

- a)Caranã, ano base da ocupação (já) adensada: 1990;
- b)União, ano base da ocupação (já) adensada: 1994;
- c)Laura Moreia, ano base da ocupação (já) adensada: 2005;

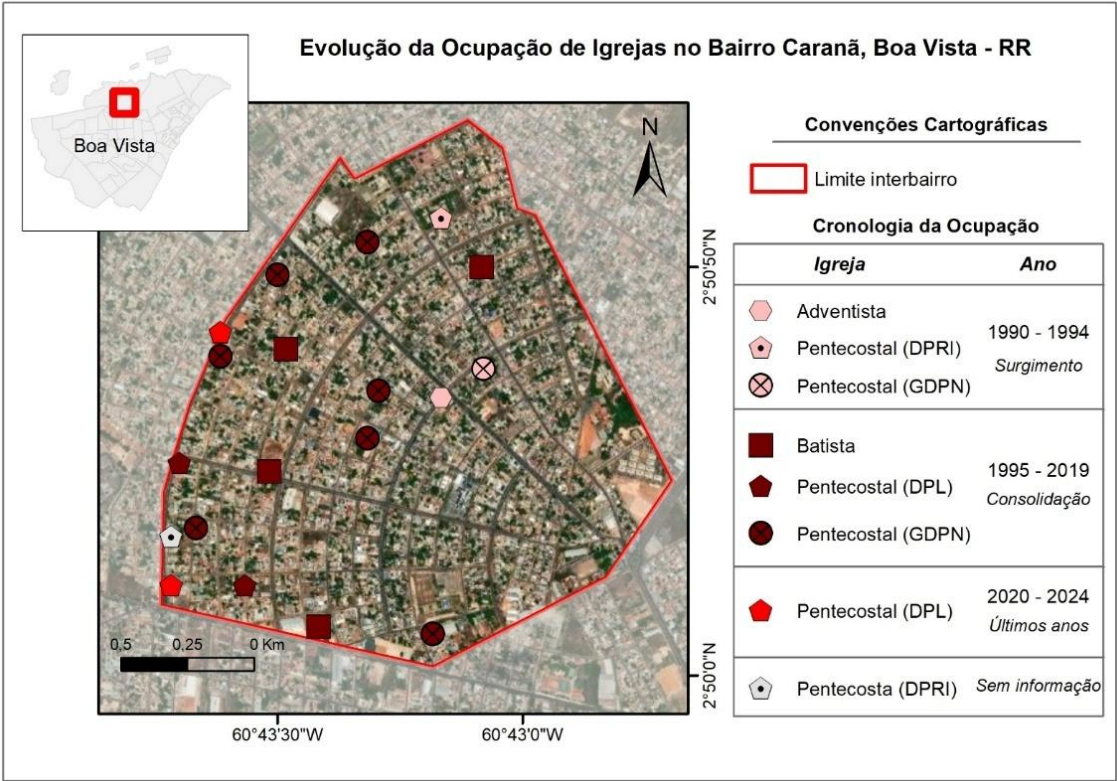


Figura 3: Distribuição espacial das igrejas no Caranã, 2025. **Fonte:** Elaboração própria.

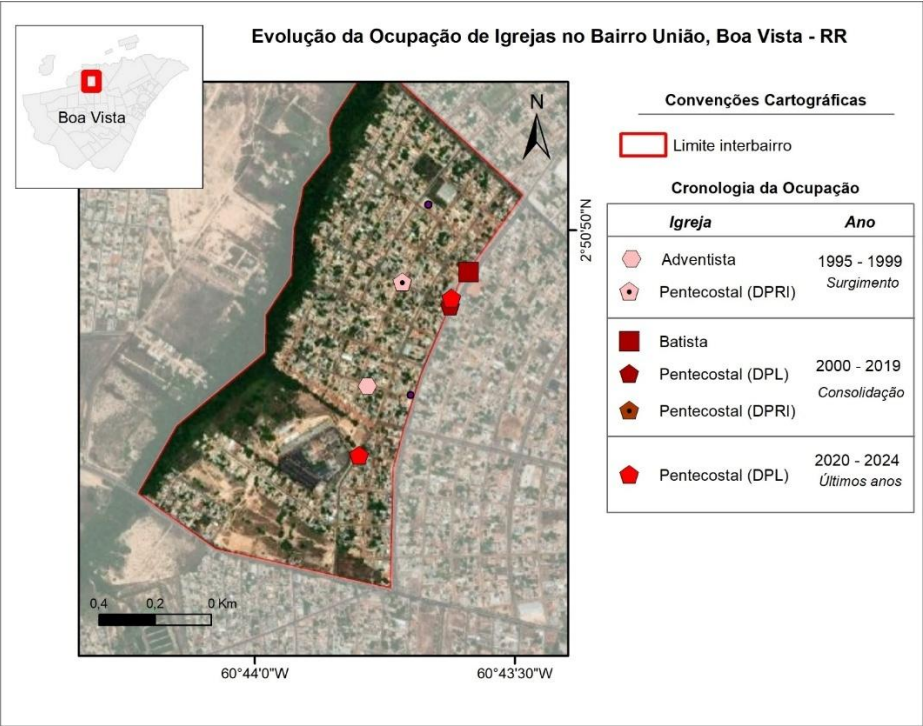


Figura 4: Distribuição espacial das igrejas no União, 2025. Fonte: Elaboração própria.

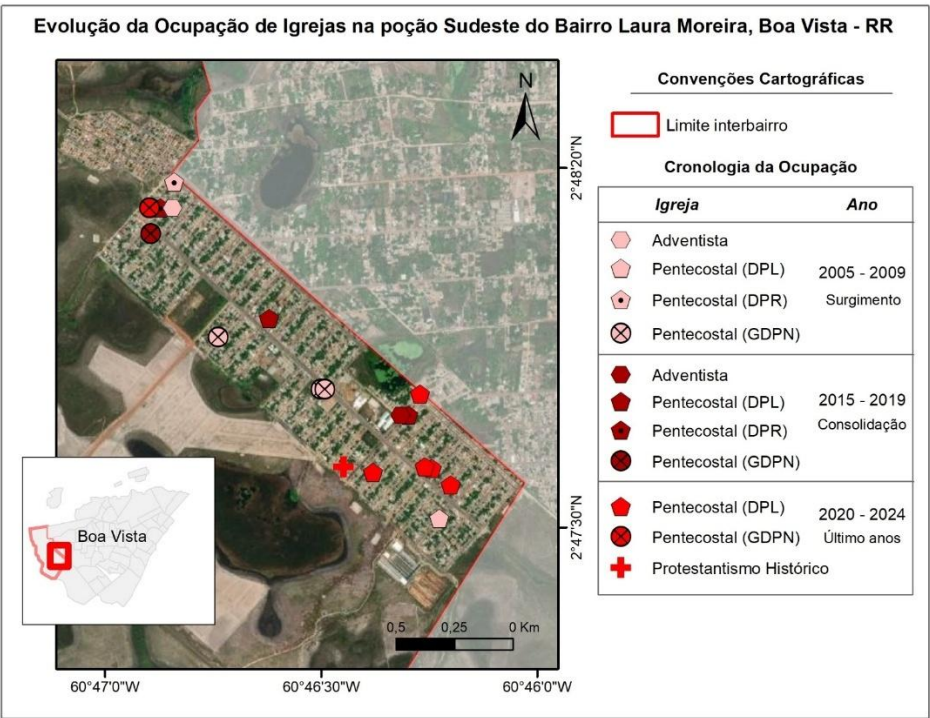


Figura 5: Distribuição espacial das igrejas no Laura Moreira, 2025. Fonte: Elaboração própria.

Nota-se, nos três recortes, que as igrejas situadas no *Surgimento* dos bairros (período que engloba o ano de “fundação” do bairro e cinco anos seguintes) pertencem, sobremaneira, às grandes igrejas nacionais e à Assembleia de Deus Brasil (ADB), igreja local, de caráter regional-internacional. Dentre as 12 igrejas fundadas entre o surgimento do bairro e seus cinco primeiros anos de existência, 58% situam-se sob a rubrica das grandes denominações; se aglutinarmos os templos da ADB ao hall das grandes igrejas (não seria ela uma grande instituição local?), apenas dois templos, 16,7%, são de igrejas locais (Igreja das Nações) ou regionais (Igreja Assembleia de Deus⁷ Boas Novas).

Não se verificou, no período, aos três recortes, Batistas ou Protestantes Históricos (PH).

Tabela 2: Ano de fundação das igrejas na categoria Surgimento do bairro do Caranã.

Número de Igrejas	Ano de fundação	Nome	Filiação teológica-institucional	Ano base do surgimento do bairro
1	1986	ADB	DPRI	1990
2	1994	AD Nova Jerusalém (Ministério Madureira)	GDPN	
3	1995	Adventista	Adventista	

Fonte: Elaboração dos autores, 2024.

⁷ É comum no universo evangélico, sobretudo quanto à Assembleia de Deus, que inúmeras e diferentes instituições surgidas tragam em seu nome alcunhas muito propagadas neste campo religioso. Trata-se de uma estratégia de vincular a sua nova instituição uma espécie de capital simbólico que o nome, no caso em tela, a Assembleia de Deus, traz consigo. Isso implica que, às Assembleias de Deus, tenhamos uma miríade de segmentos nacional ou regionalmente articulados, bem como instituições tipicamente únicas, sem vinculação com qualquer outra congregação (SILVA, 2018).

Tabela 3: Ano de fundação das igrejas na categoria Surgimento do bairro União.

Número de Igrejas	Ano de fundação	Nome	Filiação teológica-institucional	Ano base do surgimento do bairro
1	1998	Igreja Adventista do Sétimo Dia	Adventista	1994
2	1999	Assembleia de Deus	DPRI	

Fonte: CARVALHO; CRUZ, 2024.

Tabela 4: Ano de fundação das igrejas no bairro Laura Moreira.

Número de Igrejas	Ano de fundação	Nome	Filiação teológica-institucional	Ano base do surgimento do bairro
1	2004	Evangelho Quadrangular	GDPN	2006
2	2004	Igreja Adventista do Sétimo Dia – Conj. Cidadão 1	Adventista	
3	2008	Assembleia de Deus	DPRI	
4	2009	Igreja Adventista do Sétimo Dia – Conj. Cidadão 2	Adventista	
5	2009	Congregação Cristã no Brasil	GDPN	

6	2009	Igreja Evangélica Assembleia de Deus Boas Novas (MA)	DPR	
7	2009	Igreja das Nações – Argentina	DPL	

Fonte: CARVALHO; CRUZ, 2024.

Como as tabelas atestam, trata-se de uma marca e uma matriz que algumas igrejas tenham se apresetado à paisagem dos bairros antes mesmos deles se conformarem. Aliás, em mais de uma oportunidade, ao perguntarmos, em campo, o ano de fundação da igreja, ouvimos como resposta o seguinte: “a igreja surgiu aqui quando isso tudo [referindo-se à área da igreja e ao próprio bairro] era um lavrado⁸”.

Porque determinadas instituições cristãs, nomeadamente, a Igreja Adventista, a Igreja Evangelho Quadrangular, a Congregação Cristã no Brasil, a Assembleia de Deus Ministério Madureira (AD-Madureira) e a ADB fundam seus templos quando os bairros ainda se incipiam e, por vezes, até mesmo antes dos bairros se conformarem? No caso mais dantesco, a ADB do Caranã antecede⁹ o bairro em quatro anos. Quais as razões desse movimento?

Até os anos 1960-1970, Boa Vista pouco se estendia para além do seu centro radial concêntrico sob inspiração do urbanismo francês. O crescimento local a partir de 1970, naturalmente, fez expandir a cidade em torno do seu centro primevo (VERAS, 2009). Por esta razão, pois, tem-se a implementação das igrejas no Caranã e, posteriormente, com a evolução urbana, três anos depois, no União. A intensa expansão urbana na cidade repete o fenômeno décadas depois também no Laura Moreira, com as Grandes Denominações Pentecostais Nacionais, a ADB e a Igreja Adventista antecipando ou acompanhando o processo de urbanização.

Esta argumentação dá conta do *onde*. Nos resta debater o *porquê* e o *como*.

Antes de prosseguir nesta empreitada, algumas considerações acerca da diferenciação espacial e eclesial do Laura Moreira em relação aos demais bairros em estudo.

⁸ Lavrado, na linguagem popular-local de Boa Vista, refere-se aos campos de cerrado, bioma predominante em grande parte do estado.

⁹ Especificamente neste caso, e também em outros, as instituições religiosas lançavam mão de tendas, barracões etc. Apenas com o tempo e com o crescimento do bairro, a estrutura mais informal dava lugar a um templo religioso propriamente dito. Em nosso cômputo, entretanto, englobamos como “igrejas” espaços ainda não estruturados como templos formais, desde que lá ocorresse atividades religiosas regularmente; de igual modo, ao perguntarmos o ano de fundação das igrejas, se, por acaso, antes da constituição como templo formal tal ou qual igreja tivesse sido precedida por uma tenda, o ano base trabalhado por nós como fundação partiu deste “momento original”, seja referente a um espaço religioso institucionalizado ou não.

O número de igrejas constituídas no período do Surgimento é, no Laura Moreira, maior que o dobro e maior que o triplo de templos edificadas, respectivamente, no Caraná e no União. Quais as razões disso?

Entendemos que dois fatores condicionam uma maior profusão de templos no período do Surgimento no Laura Moreira: 1) o contingente populacional e 2) o percentual da população evangélica.

Tomando 1990 e 2000, nota-se um considerável crescimento populacional: eram 104.775 habitantes em 1990 e 200.568 em 2000, o que representa um crescimento de 91,42%. Um maior contingente populacional, pois, contribui à abertura de novas igrejas nesse competitivo campo religioso evangélico.

Face ao crescimento populacional, nota-se como o próprio segmento evangélico teve um crescimento ainda mais agudo: em 1990 perfaziam 14.365 habitantes (9,96% da população de Boa Vista), enquanto, em 2000, tínhamos 46.432 evangélicos (23,15% da população local), um crescimento de 223,23%.

Num contexto no qual a população evangélica rapidamente cresceu, entende-se por que, nos anos 2000, abriram-se novas igrejas; tais igrejas encontraram no Laura Moreira um flanco passível de ser territorializado por uma série de fatores: preço da terra mais barato, maior disponibilidade de terra e a própria atração populacional que a franja urbana, à princípio, acarretara. Pesquisas ulteriores (na realidade, em andamento) demonstrarão se a dinâmica presente no Laura Moreira também se replica em outros bairros localizados nas franjas urbanas. E, face aos nossos primeiros indícios, também em outros bairros este movimento deve ser encontrado.

Nesse cenário, também não é acaso que as pequenas denominações se fizeram presentes apenas no Laura Moreira no período do Surgimento do bairro, uma vez que, justamente, os elementos referidos (sobretudo preço e disponibilidade de terra) tornavam propício a abertura de novos templos para as pequenas e/ou médias denominações.

Retornemos, agora, ao “como” e ao “porquê” – ainda e especificamente quanto ao período do Surgimento; essas perguntas devem ser posteriormente repetidas para as demais tipologias temporais esboçadas. Com relação ao primeiro (*como*), há uma dupla explicação a partir do agente em enfoque, a saber, as GDPN e a ADB.

Às GDPN, tal “como” se constitui na esteira do poderio político-ecclesial, e também econômico, que as grandes denominações possuem.

Suas atuações como uma espécie de megacorporação lhes fundamenta os recursos financeiros, sociais e humanos para tal empreitada; num estado conformado substancialmente pela migração, foi comum, às grandes igrejas (e, em menor medida, também às pequenas ou médias), o destacamento de pastores de outros estados e/ou regiões para atuação em Boa Vista, evidenciando, neste aspecto, os recursos sociais e humanos. Aliás, a própria Assembleia de Deus Brasil (ADB), definida neste trabalho como uma Denominação Pentecostal Regional Internacional (DPRI), é germinada neste processo, com uma família de pastores empreendendo uma migração Pará-Roraima para fins de evangelização na nova área.

Outro aspecto no qual os recursos sociais são elementares à antecipação ou o acompanhamento *pari passu* da urbanização dizem respeito às redes da própria instituição religiosa; aqui os recursos sociais se articulam aos financeiros e apenas as grandes igrejas, neste quesito, se destacam.

As filiais surgidas dentro deste contexto, bem como, por exemplo, as atuais no interior do estado de Roraima, não se sustentam, mormente, sem o auxílio externo, na forma de doação monetária e de alimentos, dentre outros, das igrejas matrizes. É esta estrutura que enceta o *como* em determinado *onde*, áreas ainda em vias de maturação urbana. A ação, sob o poder para empreendê-la, produz determinados efeitos, inclusive na paisagem, e o *como* assim desvelado desnuda a territorialidade – as estratégias para a consecução do território – das grandes igrejas nacionais. Para tal “como”, são, notoriamente, as grandes instituições eclesiais que estão habilitadas para sua consecução.

A ADB, por seu turno, aparenta tanto similaridades quanto especificidades ao seu “como” em relação às GDPN. Ela não apresenta os recursos financeiros de instituições como a AD-Madureira, IA, Evangelho Quadrangular, dentre outros; não possui a mesma escala. Porém, nas dinâmicas do estado, ela se impõe. Procurando alusões na área da Geografia Econômica, enquanto as GDPN se territorializam em Boa Vista a partir da economia de escala de suas matrizes, a ADB apresenta uma economia de escopo, regionalmente concentrada e, por isso, equiparada quanto às possibilidades de sua atuação tanto quanto as grandes igrejas nacionais. Não só equiparada, mas, provavelmente, regionalmente superior, em termos econômicos e sociais, para consecução de sua difusão/territorialização. Difícil supor que a AD-Madureira, especificamente em Boa Vista ou Roraima como um todo, mobilize mais recursos que a ADB.

A ADB conta ainda com um capital simbólico salutar por ser, conforme explanado, o lócus da difusão evangélica na capital e no estado. Se há rugosidades materiais, podemos inferir também que a dimensão simbólica possa se constituir como o prático-inerte, como um condicionador cultural, social e mesmo espacial. Neste sentido, fundamenta-se uma fusão da ADB ao território que é, dialeticamente, simbólica e material. Ter surgido (metaforicamente) nas águas do Rio Branco lhe dá, de saída, um acesso ao território que as GDPN ainda têm que cavoucar. Nesse cenário, a ADB, uma igreja local-internacional (ela não está presente em outros estados, porém, por ser internacional, tem caráter regional), apresenta competitividade similar às Grandes Denominações Pentecostais Nacionais no afã territorializador evangélico.

Nos resta, portanto, evidenciar o *porquê* e, neste compasso, realçar como o território é elemento que consubstancia o próprio poder do qual ele é também derivado.

E a lógica é simples: um maior número de templos implica, tendencialmente, num maior número de fiéis. E, se sem concorrência, visto que não há outras igrejas no lugar, ou não haverá em abundância por certo período, ainda mais impetuoso é o arrebanhamento de novos membros, justamente o que a antecipação da urbanização ou seu imediato acompanhamento lhe garante:

Sob o contexto de intensa disputa por membros no campo religioso, seja entre distintas religiões ou no subcampo evangélico, a territorialização prévia à constituição do bairro garante a atração de fiéis – para aonde iriam, tendencialmente, as levas e levas de novos moradores senão para as igrejas *já presentes* nos seus bairros? (CARVALHO; CRUZ, 2024, p. 15; grifo do original).

Do outro lado da moeda, os fiéis retroalimentam o lastro financeiro e social/humano da instituição com os dízimos e ofertas; também retroalimentam seu capital político, afora serem, os membros, elemento bascular na atração de novos fiéis. Sob tal diapasão, as instituições que, em determinadas condições materiais e técnicas, ao erigirem e solidificarem seus territórios, encontram a possibilidade de os fazerem germinar em novos espaços, novos territórios.

Se as GDPN, a IA e a ADB reinam quase sozinhas no contexto do Surgimento dos bairros, no período da Consolidação tal proeminência já encontra alguma rivalidade, enquanto nos Últimos cinco anos a primazia é das denominações locais ou regionais, como as tabelas a seguir expõem;

Tabela 5: Ano de fundação das igrejas nas categorias Consolidação e Últimos cinco anos no Caranã.

Número de Igrejas	Ano de fundação	Nome	Filiação teológica-institucional	Ano base da Consolidação / Últimos cinco anos
1	1998	Igreja Batista Shekinah	Batista	
2	1999	Igreja Batista Jardim de Deus	Batista	
3	2000	AD – Congregação Betel (Madureira)	GDPN	

4	2004	Paz Church ¹⁰	GDPN ¹¹	1996-2019
5	2004	Igreja Batista Bíblica	Batista	
6	2004	Congregação Cristã no Brasil	GDPN	
7	2007	AD – Madureira	GDPN	
8	2009	Igreja Capela Carismática - IDPB	GDPN	
9	2009	Igreja Brasil Para Cristo	GDPN	
10	2009	Igreja do Evangelho Quadrangular	GDPN	

¹⁰ Os adeptos desta igreja se definem como neopentecostais. Neste trabalho não fizemos distinções entre os pentecostais e a vertente “neo”. Optamos por não fazê-lo, seguindo Moraes (2010), pela seguinte razão: as três ondas pentecostais (pentecostalismo clássico, início do século XX; pentecostais, 1950; e neopentecostais, 1970) tiveram sua utilidade analítica solapada ou, ao menos, arranhada no século XXI, uma vez que influências mútuas entre tais ondas se vivificam. De todo modo, apontamos a ressalva de que estes fiéis se definem como neopentecostais. Uma análise específica sobre as distinções entre pentecostais e neopentecostais é encontrada no trabalho já citado de Moraes (2010). Destaca-se que também o IBGE não estabeleceu, em censos anteriores, uma distinção entre pentecostais e neopentecostais.

¹¹ Embora atinja os prerequisites para ser avaliada como uma GDPN, a Paz Church não apresenta a centralização de recursos/ordens típicas das grandes igrejas pentecostais. Para esta instituição, ao menos em Boa Vista-RR, as demandas locais são resolvidas/pautadas, em geral, endogenamente.

11	2011	Igreja de Deus Pentecostal do Brasil (AM)	GDPN	
12	2013	Igreja Missionária do Avivamento Mundial	DPL	
13	2014	Igreja Batista Videira Viva	Batista/Pentecostal	
14	2016	ADB	DPRI	
15	2020	Ministério Manancial Mundial	DPL	2020-2024
16	2023	Comunidade Reinar	DPL	
17	Sem info	ADB	DPRI	

Fonte: CARVALHO; CRUZ, 2024.

Tabela 6: Ano de fundação das igrejas nas categorias Consolidação e Últimos cinco anos no União.

Número de Igrejas	Ano de fundação	Nome	Filiação teológica-institucional	Ano base da Consolidação / Últimos cinco anos
1	2000	Igreja Quadrangular União	GDPN	
2	2001	Igreja Quadrangular União	GDPN	

3	2006	Igreja Batista Regular da Graça	Batista	2000-2019
4	2016	Ministério Internacional Bom Pastor	DPL	
5	2022	Igreja Help ¹²	DPL	2020-2024

Fonte: CARVALHO; CRUZ, 2024.

Tabela 6: Ano de fundação das igrejas na categoria Consolidação e Últimos cinco anos no Laura Moreira.

Número de Igrejas	Ano de fundação	Nome	Filiação teológica-institucional	Ano base da Consolidação / Últimos cinco anos
1	2015	Igreja Assembleia de Deus Missionária de Última Hora	DPL	2010-2019
2	2015	ADB – Cong. Monte Hebrom	DPRI	
3	2015	ADB	DPRI	
4	2019	Igreja Evangélica Redimida de Deus	DPR	

¹² Igreja conformada, majoritariamente (com ampla margem), por venezuelanos. Os cultos são em português. Não há relações institucionais-formais com igrejas venezuelanas.

5	2020	Casa de Restauração ¹³	DPL	2020-2024
6	2020	Ministério Voz da Verdade - Brasil ¹⁴	DPL	
7	2021	Igreja Assembleia de Deus Maranata	DPL	
8	2023	Assemblies of God Church ¹⁵	DPL	2020-2024
9	2023	AD Ministério Madureira / Congregação Besteda	GDPN	

¹³ Igreja conformada, quase que integralmente, por venezuelanos, tendo seus cultos realizados em espanhol. Não se verifica, entretanto, relações institucionais formais entre a igreja local e igrejas venezuelanas.

¹⁴ Na miscelânea pentecostal e nas inúmeras variações internas de nomenclatura que rotacionam ao bel interesse de qualquer agente religioso, a liderança destacou que sua igreja segue a vertente apostólica. Como inexiste enquanto categoria sociológica uma vertente apostólica, a enquadrámos como pentecostal a partir da conversa informal no qual o pastor delineou sua visão de mundo e do evangelho.

¹⁵ Esta igreja proveio de Goiás; não situamos como regional porque sua ramificação é absolutamente rarefeita. Migrações pessoais (não institucionais) provocaram sua dispersão para Boa Vista e, num segundo momento, para New Jersey, contando com duzentos membros na cidade norte-americana. Essa nova migração, com o filho do pastor de Boa Vista indo para os Estados Unidos, remodelou o próprio nome da “igreja matriz”. Destaca-se que, embora unificadas por um nome e filiação comum, cada igreja atua como uma denominação local, sem estrutura centralizada, justificando, uma vez mais, nosso enquadre da Assemble of God Church como uma Denominação Pentecostal Local.

10	07/2024	Igreja Ministério Aliança com Deus ¹⁶	DPL	
----	---------	--	-----	--

Fonte: CARVALHO; CRUZ, 2024.

Nota-se, em todos os recortes, em maior ou menor proporção, como a primazia das grandes igrejas é amealhada. Respectivamente, 33%, 50% e 60% dos novos templos no período pertencem a outras instituições quanto aos nossos bairros, Caranã, União e Laura Moreira.

O que explica a incidência de novos agentes religiosos e qual a razão da discrepância do Caranã – que continua a contar com uma ampla maioria das denominações nacionais – para os demais bairros?

Para um novo período, retornemos às mesmas problemáticas: *onde, como e porquê*.

Os anos 90 representaram, como vimos em seções anteriores, um momento no qual a cidade em muito cresceu por conta do ímpeto decorrente da transformação do Território do Rio Branco no atual estado de Roraima. Seu crescimento territorial, entretanto, ainda era bastante circunscrito às proximidades do Centro (ver a Figura 1) e já escrutinamos o *boom* populacional e evangélico entre 1990 e 2000.

Tais circunstâncias, sobretudo em relação ao Caranã face ao União (lembrando que o Laura Moreira não existia enquanto bairro), ainda tornavam o Caranã um espaço deveras atrativo à profusão de Igrejas. É nesse sentido que as denominações nacionais procuravam fincar suas bases, fundar seus territórios, no presente bairro.

O Caranã se destaca frente ao União – apresenta quatro vezes mais igrejas no período do que o bairro limítrofe – por conta da centralidade daquele no contexto urbano local (além de possuir pouco mais que o dobro de área do que o União).

O União é derivado, aliás, do crescimento do Caranã e este concentra a oferta de bens e serviços (escolas, saúde, comércio) utilizado pelos moradores do União. Com as igrejas poderia ser muito diferente?

Para compreender esta questão, fizemos alusão à Teoria das Localidades Centrais de Christaller (apenas uma alusão, haja vista que o autor enfoca a escala urbano-regional, enquanto nossa preocupação é atinente à escala intraurbana):

A hierarquia regional na estruturação da rede urbana promove uma diferenciação quanto ao que os centros podem auferir em termos de bens e serviços, de modo que o surgimento de uma nova centralidade onde preexiste uma terceira e que domina a rede de influência é uma tarefa natimorta [...] (CARVALHO; CRUZ, 2024, p. 14).

¹⁶ Instituição local e que apresenta uma ramificação para o interior do estado, Mucajaí, distante 57,8 km de Boa Vista.

É exatamente o que ocorre, salvaguardada a questão escalar, com os bairros Caranã e União. Sob uma centralidade prévia e concentradora da oferta de bens e serviços, um lugar central apresenta uma força gravitacional para a oferta e a demanda religiosa. Isto se torna mais perceptível ao se notar que, *à medida em que nos afastamos da área fronteira entre o União e Caranã*, avançando cada vez mais ao interior do primeiro, o número de igrejas, progressivamente, vai diminuindo.

Essas considerações dão conta, pois, do “onde” e do “porquê”. O “como” apresenta uma nova face além daquela já exposta às grandes instituições nacionais (por isso, não as reiteramos), afinal encontramos novos agentes: as DPL, as DPR, os PH e os Batistas, ora subsumidos ao quadro de pequenas ou médias denominações (embora os dois últimos segmentos tenham centralização [PH] ou conferências nacionais [Batistas], no âmbito local elas se comportam com larga e/ou absoluta autonomia).

De um lado, na medida do possível, é também oportuno para essas instituições se perenizarem às áreas centrais e, de outro, ao não demandarem articulações/ordens nacionais para abertura de novos templos (desconsiderando, nesse quesito, os PH), pode-se, qualquer pastor(a), ou mesmo qualquer fiel, sentir-se autorizado para fundar sua igreja. Trata-se de um elemento fundamental do expansionismo evangélico. Neste sentido, o crescimento das grandes denominações pentecostais também enseja distensões e ramificações internas, sendo comum que um pastor ou mesmo fiéis abandonem a antiga igreja (ou simplesmente não podendo mais frequentá-la) e abram a sua própria denominação. Por isso, hoje, abundam igrejas que funcionam na residência do próprio pastor ou ao lado dela, bem como em inúmeros espaços que, de forma alguma, parecem com um templo (garagens, pontos comerciais quaisquer etc.). Para tais igrejas, não há (em geral) possibilidades de territorializarem-se no bairro – e, assim, territorializar o bairro – quando o bairro ainda incipia, senão, quase sempre, quando seu florescer já é agudo, quer-se dizer, com o bairro consolidado. Numa alusão ao campo imobiliário, enquanto as grandes igrejas adquirem o imóvel na planta, os demais ramos só o podem adquiri-lo depois de pronto.

A maior presença das grandes Igrejas, no período da Consolidação, no Caranã, comparando-o com o União e o Laura Moreira, se dá por sua centralidade no contexto da Zona Oeste; e, quanto ao destaque do período às igrejas batistas, há de se frisar o crescimento deste segmento religioso no Brasil a partir de 1990, replicado também na conjuntura local.

Quanto ao Laura Moreira, se o bairro caminhava à consolidação urbano-populacional nos anos 2000 (até o final da referida década), entre 2010-2022 o bairro estagna territorialmente e, populacionalmente, perde mais da metade do número de habitantes. É isto que explica, aliás, porque entre 2009-2014 não foram criadas novas igrejas (ou, se foram, e muito provavelmente o foram, já fecharam suas portas).

E por que, em 2015, surgem novas igrejas? Como esse movimento de surgimento de novas igrejas prossegue com vigor também em nossa última categoria temporal (Últimos cinco anos), remataremos essa questão posteriormente.

Como as temporalidades dos bairros distam, empreendemos análises diacrônicas; mas o espaço é também sincrônico e devemos, portanto, conjugar as distintas temporalidades sob uma mesma mirada.

Dentre as grandes denominações nacionais, apenas a AD Ministério Madureira centrou seus esforços no Caranã, abrindo três templos em 1994, 2000 e 2007 na localidade. As demais, a ADB, a Evangelho Quadrangular e a IA fincaram bases, progressivamente, nos três bairros (em geral, na sequência Caranã, União e Laura Moreira), evidenciando uma lógica – uma estratégia territorial – coadunada pelas dinâmicas locacionais, ocupando os fronts da expansão urbana. Outra GPDN, a Congregação Cristã do Brasil, não possui templos no União, apenas no Caranã e Laura Moreira.

Deve-se destacar, por fim, que, além do Laura Moreira, os outros bairros também apresentam momentos de intensa proliferação e de estagnação de templos. No União, depois da Igreja Quadrangular em 2001, o novo templo se erige apenas em 2006 e o próximo em 2016, o seguinte em 2022, todas instituições que não se afiguram como grandes igrejas. Aliás, quanto ao União, com o surgimento de três igrejas em duas décadas, indica-se que o bairro já atingiu o limite máximo de sua expansão evangélica.

No Caranã, entre 1995/97 e, depois, entre 2001/03, o bairro não apresentou, por três anos, a criação de novas igrejas (ou, se criadas, pereceram); posteriormente a cada período, sobretudo no novo século, viu-se crescer, anualmente, o número de templos. Esse fenômeno parece indicar que, a cada período de saturação, entendemos que por ausência de demanda (ou ausência de demanda frente ao volume da oferta), segue-se uma expansão com novos templos, as vezes mais lenta (1998/2002, com quatro templos), as vezes mais suntuosa (2004/2007, com novos quatro templos apenas em 2004). O período de expansão, supomos, é correlato do crescimento populacional e territorial do bairro.

Acreditamos que seja este ponto o que explica a ausência de novos templos no Laura Moreira entre 2010-2014, e o novo fôlego a partir de 2015. Depois de 2015 novos templos só foram surgir em 2019 e, desde então, o bairro tem se notabilizado pela forte presença evangélica. Como anunciado, o Laura Moreira perdera população entre 2010-2020, mas as dinâmicas urbanas de Boa Vista realocaram o bairro nos vetores de crescimento da cidade a partir de projetos imobiliários privados e também a partir dos projetos do Minha Casa, Minha Vida.

De nossos recortes, o Laura Moreira é quem se destaca quanto ao ímpeto do expansionismo territorial evangélico; já apresentamos o panorama do União, e também o Caranã passa pelo processo de saturação de igrejas. Nos Últimos cinco anos apenas duas igrejas surgiram no Caranã; na última década (2004-2024), são apenas quatro novos templos.

Antes de analisar em maior detalhe os Últimos cinco anos do Laura Moreira, explica-se o não aparecimento de outras grandes igrejas no Caranã e no União em nossa última categoria temporal porque: 1) as grandes igrejas nestes bairros já fincaram suas bases e projetos expansionistas tendem a percorrer outros flancos, não a mesma base territorial (como vimos, a AD Ministério Madureira centrar três templos no Caranã

foi uma exceção, mas não quer dizer que ela não tenha também se territorializado em outros bairros – mais uma tarefa para as próximas pesquisas); 2) outras grandes igrejas, como a Universal, por exemplo, ao procurar territorializar-se na cidade, sobretudo a partir de 2010, tenderia a se alocar em áreas sob menor competição religiosa com as grandes igrejas.

Nos três bairros, contando os últimos cinco anos (2020-2024), apenas uma igreja de grande porte surgiu, a AD Ministério Madureira, no Laura Moreira. Se explicamos as razões pelas quais as grandes denominações estancaram seu crescimento, se faz necessário também explicar a profusão das pequenas e/ou médias denominações.

Conforme assinalamos, há, no interior do pentecostalismo, uma facilidade à inauguração de novas igrejas, seja do ponto de vista institucional, seja do ponto de vista da formação teológica (mormente questão secundaríssima para referendar a atuação como pastor). Qualquer casa pode se tornar um templo e qualquer um pode fundar uma nova congregação, como comentado.

Tal movimento é mais agudo no Laura Moreira por conta dos elementos analisados quanto ao seu contexto de expansão urbana, crescimento populacional (até 2010 e, perspectivamos, em tendência de novo crescimento para os próximos anos), terras não-ocupadas e o preço do terreno.

Temos, portanto, dois movimentos complementares que fundamentam a impetuosa territorialização evangélico-pentecostal (com destaque ao último polo do binômio, o pentecostalismo) em Boa Vista: 1) um movimento de conquista a partir da atuação das grandes denominações, momento no qual as igrejas “fundam” o bairro; 2) movimento de pulverização pelo qual se espalha um sem-número territórios religiosos nos bairros, dinâmica tecida, sobretudo, pelas igrejas pentecostais locais/regionais e, em menor medida, pelos batistas.

Com estratégias locais – que são também territoriais e que consubstanciam territórios religiosos – particularizadas segundo as grandes denominações ou as denominações locais/regionais, grupos que encetam dois movimentos complementares – a antecipação da urbanização ou a profusão de pequenos templos já no período do bairro consolidado –, torna-se factível, pois, o predomínio evangélico na paisagem da cidade. E como nossa nova pesquisa (ainda em andamento) indica, analisando outros três bairros nas franjas urbanas, trata-se de uma matriz da evolução urbana de Boa Vista a concomitância entre urbanização e territorialização evangélica.

CONCLUSÃO

Buscamos evidenciar como a estrutura e evolução urbana é salutar às dinâmicas locais das instituições evangélicas e como estas ensejam determinadas territorialidades, quer-se dizer, determinadas ações que visam a fundamentação do território religioso.

Vimos como as grandes denominações pentecostais, como vertentes das AD, Evangelho Quadrangular, Congregação Cristã, dentre outros, bem como a IA,

conseguem até se antecipar à própria urbanização, numa clara estratégia territorial-local assentada na estrutura social e econômica das instituições religiosas. De igual modo também atuou a Assembleia de Deus Brasil, maior igreja do estado, com vertente internacional na América do Sul, embora não se constitua como uma Grande Denominação Pentecostal Nacional; as pequenas igrejas, por seu turno, tendem a se propagar quando o bairro se solidifica e evocam um mecanismo de territorialização particular, atinente não às estruturas centrais-nacionais, senão regionais, destacando-se, sobretudo, particularidades de ordem pessoal para criação de uma instituição religiosa.

Às problematizações empreendidas, tivemos que trafegar pelo movimento evangélico, situando sua evolução e clivagens, atestando a prevalência do pentecostalismo e da Igreja Adventista em Boa Vista.

Nossas pesquisas atuais, de um lado, procuram recolher novos estudos de caso na própria Zona Oeste, sobretudo em suas franjas urbanas, bem como se estender para novas áreas da cidade, na Zona Leste e na Zona Norte, espaços nos quais, respectivamente, abundam a classe alta e média.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

Concepção: Caê Carvalho e Emilly Cruz. **Metodologia:** Caê Carvalho e Emilly Cruz. **Análise formal:** Caê Carvalho. **Pesquisa:** Caê Carvalho, Emilly Marjory, Jefferson Guimarães, Roberto Xavier. **Recursos:** Particulares (Caê Carvalho). **Preparação de dados:** Caê Carvalho e Emilly Cruz. **Escrita do artigo:** Caê Carvalho e Emilly Cruz. **Revisão:** Emilly Cruz, Jefferson Guimarães e Samir Valcácio. **Supervisão:** Caê Carvalho. **Aquisição de financiamento:** Não houve. Todos os autores leram e concordaram com a versão publicada do manuscrito.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **Da violência**. Brasília, DF: Ed. UNB, 1985.

BRANDÃO, Inaê. **Crise migratória venezuelana no Brasil**: O trabalho do UNICEF para Garantir os direitos das crianças venezuelanas migrantes. UNICEF, 2019. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/crise-migratoria-venezuelana-no-brasil>. Acesso em: 03/08/2024.

CARVALHO, Caê; DEMÉTRIO, Natália; IBIPIANA, Felipe. A produção do espaço urbano em Boa Vista: uma análise da urbanização e da segregação sócio-espacial no século XXI. In: **Anais do XXI ENAMPUR**: Ideias, políticas e práticas em territorialidades do Sul Global, Curitiba, 2025.

CARVALHO, Caê. **A dimensão espacial da experiência religiosa**: práticas e representações entre candomblecistas. Salvador: EDUFBA, 2022.

CARVALHO, Caê. A Geografia Profético-Mítica: a dramaticidade da geograficidade (neo)pentecostal. **Boletim Campineiro de Geografia**, v. 13, n. 2, p. 231–251. Disponível em: <https://doi.org/10.54446/bcg.v13i2.2980>. Acesso em: 18/07/2025.

CARVALHO, Caê; CRUZ, Emilly. A territorialização das igrejas evangélicas sob o contexto de expansão urbana na Zona Oeste da cidade de Boa Vista-RR. In: **Anais do XVIII SIMPURB – Uma agenda para a democratização da cidade**, Niterói, p. 1-21, 2024. Disponível em: https://www.sisgeenco.com.br/anais/simpurb/2024/arquivos/GT15_COM_585_791_2_0240805000617.pdf. Acesso em: 13/12/2025.

CARVALHO, Caê; CRUZ, Emilly; LIMA, Izabela; BATISTA, Jefferson; VALCÁCIO, Samir. A expansão e os limites à territorialização evangélica sob as nuances da urbanização: um estudo de caso na Zona Oeste de Boa Vista. In: **Anais do XVI ENANPEGE**, Macapá, 2025. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/124058>. Acesso em: 13/12/2025.

FARJADO, Maxwell. Pentecostalismo, urbanização e periferia: perspectivas teóricas. **Paralellus – Revista Eletrônica em Ciências da Religião**, Recife, v. 4, n. 2, p. 181-192. 2011. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/236215126.pdf>. Acesso em: 18/07/2024.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Coritiba: Ibipex, 1995.

HAESBAERT, Rogério. Hibridismo cultural, “antropofagia” identitária e transterritorialidade. In: SERPA, Angelo; BARTHE-DELOIZY, Francine (org.). **Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia**. Salvador: EDUFBA e Edições L’Harmattan, 2012, p. 27-46.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. **Censo demográfico**, Rio de Janeiro, p.1-215, 2010.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2022: Panorama**. População residente. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/mapas.html?localidade=&recorte=N3>. Acesso em: 18/07/2024.

LEFEBVRE, Henry. **Lógica formal, lógica dialética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

MARIANO, Ricardo. O futuro não será protestante. **Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 89-114, 1999. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/ENSINOR_ELIGIOSO/artigos4/futuro_nao_protestante.pdf. Acesso em: 18/07/2024.

MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. **Estudos Avançados**, São Paulo, nº18, v. 52, p.121-138, 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10028>. Acesso em: 28/07/2024.

MORAES, Gerson. Neopentecostalismo: um conceito-obstáculo na compreensão do subcampo religioso pentecostal brasileiro. **REVER**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 1-19,

2010. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv2_2010/t_moraes.pdf. Acesso em: 18/05/2024.

Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5528/552857186007/html/>. Acesso em: 18/07/2024.

OLIVEIRA, Janine; COSTA, Maria. Expansão urbana de Boa Vista (RR) e os reflexos sobre a desigualdade socioespacial. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 9, n. 18, p. 1-18, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5528/552857186007/html/>. Acesso em: 18/07/2024.

RIVERA, Dario; FARJADO, Maxwell. Pluralismo pentecostal na periferia de São Paulo. Estudo do bairro de Perus. **Revista Colombiana de Sociología**, Bogotá, v. 45, n. 1, p. 375-396, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.15446/rsc.v45n1.90237>. Acesso em: 22/07/2024.

ROSENDAHL, Zenny. Território e territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina**, São Paulo, 2005. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Geografiasocioeconomica/Geografiacultural/38.pdf>. Acesso em: 03/08/2024.

SOUZA, Marcelo. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná; GOMES, Paulo; CORRÊA, Roberto (org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 76-117.

SENHORAS, Elói; SANTOS, Alexandre; CRUZ, Ariane. **Protestantismo brasileiro e sua expansão na Amazônia Legal**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2016.

STAEVIE, Pedro. Expansão urbana e exclusão social em Boa Vista – Roraima. **Oculum Ensaios**, Campinas, v. 13, p. 68-87, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.24220/2318-0919v0n13a142>. Acesso em: 28/07/2024.

VERAS, Antônio. **A produção do espaço urbano de Boa Vista – Roraima**. 2009. Tese (Programa de Pós-graduação em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.



Revista Geonorte, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Amazonas. Manaus-Brasil. Obra licenciada sob Creative Commons Atribuição 3.0